MARIANO: seu eldorado virou um inferno. Diário do Povo, Campinas, 25 dez. 1985.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE000133

Mariano: seu eldorado virou um inferno

Assistindo impotente toda a tragédia desde seu início, um homem baixo e pouco gordo tinha a testa totalmente franzida pela preocupação. Era Mário Mariano, gerente-geral do Supermercado Eldorado. Ele estava vendo o seu eldorado transformar-se rapidamente num inferno.

"Parece que é um pedaço da gente que vai indo embora", balbuciou a um amigo. Embora soubesse que todo o prédio e mercadoria estivessem segurados, não conseguia se acalmar. Andava de um lado para outro, ansioso e de olhar triste. Nem entrevistas conseguia dar. "Depois, depois", limitava-se a responder, educado.

Queria ajudar de alguma maneira. Quando alguns funcionários traziam alguns carrinhos e manequins de plástico chamuscados para o outro lado da avenida Senador Saraiva, foi ajudar. Ia e voltava com um carrinho, pensamento perdido... sabia que não iria adiantar nada, mas ajudava.

Percebia-se que Mário Mariano não estava preocupado apenas com seu patrimônio sendo devorado por línguas de fogo. Ele sentia a maneira cruel do acidente. Esforçava-se para se acalmar mas o efeito do esforço era inversamente proporcional: não conseguia se conter. Por fim nem deu a entrevista prometida. Desapareceu. Não foi para sua casa, certamente, porque morava com a família no prédio pegado ao supermercado.

Mário Mariano: impotente diante da tragédia

Antes de sair mostrou a preocupação maior. O fogo tinha consumido apenas metade do estoque. O depósito maior - de caixas e caixas de gêneros alimentícios e inflamáveis estavam no último andar. Saiu alimentando a esperança de que as chamas fossem apagadas antes de atingir aquele andar.

Como se estivesse apenas esperando Mário Mariano sair para que ele não a visse tomar conta de todo o prédio, assim que ele virou a esquina uma língua de fogo surgiu por entre as frestas da parede lateral. Minutos depois uma fumaça preta anunciava: o que havia de vir era duas vezes pior do que tinham visto até aquele momento. Todo o prédio virou uma imensa fogueira.

Dava-se a impressão que o fogo pretendia consumir tudo, sem misericórdia, porque mesmo com a chuva chegando, um vento forte a acompanhou. Espalhou ainda mais as labaredas no interior do prédio e só depois foi diminuindo pela chuva e jatos de água.